

das delicadezas de um momento que não volta

Lisa Minari

Dante destemido do paraíso ao inferno,
confabulação marmoteira entre Lu e Deus.
Círculos invertidos, psicodelia quântica de um medievo
que retorna nas imposições deliberadas do sistema.
Quero ser Lu, o mágico de Oz,
pequeno homúnculo da grande cabeça na cidade encantada.
A estrada de tijolos amarela leva ao inferno.
O inferno são os outros, é o pão e a pedra no caminho,
desgosto de mais uma noite sozinho.
Solidão é o inferno de ter que educar alguma coisa
aceitando tuas fronteiras movediças.
Sundara: do sânscrito, beleza.
Tua eterna Beatriz, dona anjo, visualidade absoluta dos desenhos feios,
rasgados nos olhares julgadores dos outros.
Dewey e a turma da cuca doida – Skinner e Pavlov e seus ratos coitadinhos.

Pensamos no Big Mac e salivamos: funciona mesmo, até sem o sininho!

Encruzilhamos gostos e sabores até explodir.

Somos todos compulsivos, obsessivos,
comemos até dampar (*sic!*) os livros complicados

para citar bonito na tese e ninguém entender o inferno por dentro,

sem anestesia, só estesia, remédio barato,

injetamos descrentes mesmo vencido. Entra nas veias, relâmpago do gênio!

Pesquiso, produzo, leciono, logo educo. Isso que sou. E-D-U-CA-DOR.

Einstein ri, não sabia da dor do caducador.

Escolho molho de tomate na massa do espaço ocupado,

lembrança da cozinha da vó.

O ID explode cruel, quero comer, quero gritar, quero sensualizar.

Seja educada, menina! Cruze as pernas! Mãe superego bota ordem na coisa.

Tudo educa, na novela mexicana das 8.

José Maria na prática educativa da estética do brega

joga charme me seduzindo da tela.

Entro no jogo, de mão dada com Fernando (Hernandez, aquele da Cultura Visual).

Preciso só do sumário para enfrentar o último capítulo da estria.

Voz de veludo, dispositivo sonoro de atenção seletiva, José Maria seduz Fernando,
que cai na armadilha.

Visualidade do Cotidiano, fraqueza da carne, nada melhor que um corpo quente,
pulsante, perto de nós, mesmo na cegueira do breu... da caverna.

Tempo fora do tempo e fora da memória.

Inventamos o Tempo e começamos a morrer,
inventamos Lexotan, somos todos hiperativos, mortos vivos,
letargicamente cegos. E aí vem o ethos com os patos na lagoa, oh que coisa boa!
A experiência é sempre movimento,
mas por que preciso de mais uma aula de Crossfit?
Torneando as nádegas caídas, pelanca secular de uma autocrítica sem aceitação,
parceira da impiedosa gravidade – processo criativo na academia do inconsciente.

Mandala de Jung, círculo maldito.

Inspiração, trabalho, compulsão alimentar, desânimo sonolento,
navegação na internet, fatias irregulares de um bolo indigesto.

Sou um criador, parceiro de Lu, polinizo ideias,

soluções criativas nos pensamentos integrativos das borboletas azuis.

Quem se desvia do caminho dos anjos acaba levando rasteiras das bruxas.

Fico com as borboletas,

sento na beira do rio e espero o cadáver dos inimigos passar.

Passividade, calma, silêncio, Dewey já era!

A experiência vem da imobilidade da ação.

Do mergulho na respiração atemporal.

Gandhi educa, Sidartha ilumina. Fora do Tempo a memória é só para os fortes.

Estômago robusto, aguenta o tranco:

lembrar vicia (ligar pros Compulsivos Anônimos, terapia em grupo na S. Camilo da Asa Sul, todas
as terças às 19:30 – falar com Sônia).

Vivemos na sociedade do oblio, obscura em seus malditos tons de cinza,

onde entre a PEC e um beque, melhor é o reggae, Bob Marley tinha razão,

continuamos escravos da nossa mente servil.

Sociedade das contradições, onde a infância idolatra ao mesmo tempo um porco
(sim, Peppa Pig não é um rato nem um pato)
e um palhaço com seu búrguer atômico (sim, Ronald McDonald existe, de verdade!)
na ingênua esperança de transdisciplinar o impossível.
Educar nas contradições demanda assim
a milenar sabedoria dos monges tibetanos
que rodam o sino sabendo da circularidade dos eventos.
Educação bancária, hoje é comerciária.

Foi vendida e se vende como hábil prostituta rumo a mais um vestibular.
Jogo subdolo, onde seguir as regras é ter que trocar o fraldão imundo do chefe
sem questionar o fedor. Educar é ter medo ancestral da caça sangrenta –
camuflagem me salva, me exponho.
Me comem, questão de sobrevivência.
Seguir o grupo, somos seres sociais, educar quem? Para quê?
Educação: proteção societária
contra os prejuízos preguiçosos dos processos criativos.
Educar criativamente, a maior mentira jamais contada.
Quero uma educação PIPOCÁRIA, sem bancos nem comércio,
possivelmente com coisas boas, sabores milho e manteiga derretida.
O agir antieducativo é a diminuição da sensibilidade,
ou é o aumento da sensibilidade que deseduca a sociedade?
Temos pomposamente de assumir o protagonismo social
como falsos executores educativos
para mostrar uma camuflagem cada vez mais bonita.
O negócio é seduzir, cuidado, as aparências enganam.

Beyonce usa peruca, e eu, muita maquiagem.
O arte educador é o mestre dos disfarces
dos demoninativos metodológicos esquisitos.
PEBA é chineleiro, PIMBA é o verdadeiro,
artografamos o mundo, afinal todo sapato humano é estético.
Educamos para um mundo em que não acreditamos,
sem convicção na epistemologia ambiental do axioma dicotômico.
Andá com fé eu vou, que a fé não costuma FAIAR.
Só Jesus salva, só Deus na causa.
Rezo o terço do Terceiro incluído,
atraindo fluidos místicos da Realidade Multirreferencial.
Anterior à representação simbólica,
existe o corpo esquecido entre as páginas amareladas dos livros paralíticos...
Onde eu estava mesmo?
Como educar, se eu mesma ainda sento de pernas abertas?
Desculpa, vó, um dia aprendo e serei a sua menina perfeita.
Educar é preciso, mas brincar é indispensável, homo ludens arteiro ativado.
Então te pergunto: o que te deixou teu professor?
O inconstante teorema dos catetos ou o entusiasmo lúdico de um dia na praia?
Este, meu caro, é o começo da busca...